

Associação de Mulheres Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos – AMIRB



Nova cartografia social da Amazônia



18

Mulheres Artesãs Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos

Amazonas

Associação de Mulheres Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos (AMIRB)

Presidente Horlandina Monteiro Peres

Vice-presidente Erenita Cordeiro Cruz

Secretária Geane Carpina

Tesoureiro Antônia José Barroso Saraiva

Conselho Fiscal Francisca Lucia Pessoa, Eneide Patrícia Cordovil e Francisca dos Santos Carvalho

Suplentes Osvaldina Rodrigues Alves, Bernadete da Silva Bonfim e Francislene dos Santos Muniz



Participantes da 1ª Oficina de Mapas nos dias 20 e 21 de julho de 2007

Em pé: *Erenita Cordeiro Cruz, Elizabete Gregório, Divânia Oliveira dos Reis, Elizabete Amâncio Pinheiro*

Em baixo da esquerda para direita: *Valdomira Cordeiro Cruz, Horlandina Monteiro Peres, Francisca Lucia Pessoa, Geane Carpina e Sara Salviano do Nascimento*

Ausentes na foto: *Maria Auxiliadora Cordeiro, Doralice Gregório Garcia e Regiane Raimara da Silva*

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 18

Mulheres Artesãs – Indígenas e ribeirinhas de Barcelos /AM

Manaus, julho 2007

ISBN 85 86037-20-6

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida

(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Equipe de pesquisa

Elieyd Sousa de Menezes – UFAM

Franklin Plessmann de Carvalho – UFBA

Alfredo Wagner Berno de Almeida – UFAM

Edição e fotografia

Elieyd Sousa de Menezes

Cartografia e mapas

Laura Adriana Chamo

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8 www.designcasa8.com.br

Mulheres artesãs: indígenas e ribeirinhas de Barcelos

“Essas mulheres são mulheres ribeirinhas e indígenas que migraram do interior, de comunidades na busca de um ideal, buscando melhoras para sua família, seus filhos né? E aí, chegando aqui, vendo as necessidades, elas procuraram fazer alguma coisa pra ajudar em casa, pra ajudar seus esposos, seus filhos.

Então... Nisso, nessas dificuldades resolveram fazer alguma coisa, resolveram fazer artesanato, pra ter uma renda a mais. Então, essas mulheres são mulheres guerreiras que lutam, que vão em busca de alguma coisa, que querem vencer, que querem mostrar alguma coisa pra seus filhos, que querem fazer dos seus filhos alguma coisa, que querem que eles vençam na vida, nós procuramos fazer do dia-a-dia... alguma coisa, fazer o artesanato, pra ajudar em casa e também na auto-estima, porque isso também é uma terapia pra nós mesmos! E porque fazer o artesanato, pra mim é uma terapia, né? Porque quando eu faço artesanato eu esqueço... coloco minha chateação embora, depois que você começa você esquece até do que tá acontecendo ao teu redor”. **Sara Salviano, 20 julho 2007**

“Muitas das vezes eu vejo assim, que por ser mulher existe uma parte de discriminação... porque... ‘mulher não pode fazer alguma coisa! (trabalho pesado)’, eu vejo assim um pouco, que a mulher é discriminada. Então eu acho que nós temos competência, somos capazes de fazer alguma coisa, que até porque é de grande utilidade (o artesanato) pra tá em busca de melhorias de renda, no sustento do dia-a-dia”. **Geane Carpina 20 julho 2007**

“Somos mulheres que batalham, somos mulheres que querem vencer, somos mulheres que se ocupam com seus objetivos fazendo artesanato, que esquece um pouco das coisas que estão ao redor... porque todo mundo tem problema né? O artesanato ajuda, tira um peso da nossa cabeça!” **Valdomira Cruz, 20 julho 2007**

“Eu digo assim também, o artesanato ele já veio com os nossos avós com as nossas avós que já se foram, só que ele não tinha reconhecimento, ninguém dava valor!” **Elizabeth Amancio, 20 julho 2007**

“A gente é artesã porque a gente gosta! Não tem ninguém artesã aqui que tá fazendo obrigado, eu acho que não! Às vezes pode ser por uma necessidade né? ... pelo desemprego, que é a coisa maior, a coisa pior aqui no nosso município. Existe não sei quando vai terminar, não sei se um dia vai terminar com a discriminação né? Isso existe em todo o setor de trabalho, a gente já tem uma idade que quase não pega mais pra funcionário, essas coisas né? Então o quê que nós estamos fazendo, é trabalho autônomo, que é o artesanato, umas trabalham com fibras, outras com palhas, outras com sementes, outras com madeira, outras com papel, outras com pena. Essas mulheres são muito lutadoras mesmo, porque não é fácil, todas elas tem família, todas nós temos os nossos afazeres... então, eu acho assim... que essas mulheres, elas merecem cada dia mais ser reconhecidas e é atrás disso é que nós estamos!” **Horlandina, 20 julho 2007**

“Eu me criei assim... minha mãe me teve dentro do igarapé, antigamente lá não tinha parteira, tinha assim o marido da mulher como parteiro da mulher, então minha mãe me teve dentro do igarapé no piaçabal, aí ela criou nós tudinho eu me entendi onde nós vivia assim, aí nós tinha um sítio num Rio Preto, nós se criamos assim, aí nós não sabe o que é esse negócio de estudo nadinha, nenhum de nós.

Nós era vinte pessoas por todo, só que ficou três meninos e três meninas mesmo, o resto foi aborto. Então nós se criamos assim, quando minha mãe ia pro mato carregava a minha irmã que era a caçula de nós, hoje ela tá velha assim como eu, carregava em cima da piaçaba, o pacotinho da piaçaba, nós ia tudinho, trazia cipó pra fazer paneiro, ninguém nem parava em casa.



D. Valdomira ensinando D. Sara a tecer a fibra de piaçaba

Aí teve um tempo que um patrão do papai achou de matar um freguês dele por causa de bebida e aí meu pai mentiu pra ele, eu era menina ainda, meu pai disse que nós ia tirar piaçaba num igarapé que nós tava, a gente bebia água naqueles poços e saía pela mata, aí nós saímos, nós fugimos de noite, meus irmãos e eu era pequeno, meu pai tinha um motorzinho, aí nós viemos, ninguém sabia pra onde nós ia, aí nós fomos trabalhar lá no Rio Ereré no piaçabal com o meu padrinho, aí por aí nos andamos.

Aí lá no Ereré eu arranjei meu marido e fui pra Santa Isabel. As pessoas encomendavam de mim esse negócio de tecido, cestinha de cipó e piaçaba. Teve um tempo que não dava mais pra gente morar lá, aí nós viemos embora pra Barcelos.

Minha mãe era uma velha do alto... de São Gabriel, nós tudinho fala a língua geral, meu pai é etnia Tucano e minha mãe é da Baré.

Eu comecei a tecer o artesanato pra lá pro piaçabal, quando eu era menina, quando a gente anda assim no piaçabal, tudo a gente aprende". **Elisabete Gregório, 21 julho 2007**

As etnias

"São mais ou menos cinco etnias que fazem parte da nossa associação, é... elas são Baré, muita mulher da etnia Baré, Tukano, Dessano, Baniwa e Arapaço".

"A maioria dessas mulheres fala a *língua geral* (o Nheengatu)." **Horlandina, 22 setembro 2007**

"Por que todos têm sua etnia, o meu pai é baré, a minha mãe é de São Gabriel da Cachoeira e veio pra cá bem pequenininha, o meu pai já é nascido e criado daqui mesmo de pertinho de Barcelos, eu puxei pra etnia dos meus pais. Eu não posso dizer que eu sou alemã ou americana, dos Estados Unidos... não! eu sou daqui, nasci aqui, me criei aqui!". **D. Valdomira, 20/07/2007 – Barcelos / 1ª Oficina de Mapas**

O que é a AMIRB?



1ª Oficina de Mapas, Barcelos, julho de 2007

"A nossa associação veio com nós mulheres indígenas principalmente e ribeirinhas também, quando ela surgiu assim, não pensando só especificamente em mulher indígena, a nossa associação ela também é de mulher ribeirinha porque tem tanta gente que veio lá como a nossa historia já indica né, nós viemos de onde? A gente não veio de Manaus, do Rio de Janeiro, mas a gente veio dos sítio, das comunidades, assim a gente foi vindo né, então a gente foi percebendo que pra gente conseguir co-

nhecer melhor nossos direitos, reivindicar nossos direitos, nós temos que nos apurar em alguma coisa, somente como? Formar uma associação, então eu acho que pela necessidade de cada mulher interessada, mulher indígena e ribeirinha, pescadora, artesã, agricultora né? É que nós nos reunimos e formamos essa associação, até porque é através dela que a gente ta conseguin-

do alguma coisa, porque eu por exemplo, sozinha como artesã que eu me considero hoje eu jamais iria conseguir é... sair num livro desse, eu sozinha nunca! Alguém vai ouvir só eu falando? Agora esse grupo falando é diferente, então qual é a diferença de uma pessoa só pra um grupo de uma associação de 40,50 70 ou 80 mulheres”.

“Então isso foi que a gente viu, a gente pensou? ‘vamos ter que nos organizar e vamos formar uma associação’, quer dizer com dificuldades, mas formamos!”.

“A AMIRB foi fundada no dia 30 de abril de 2006, o objetivo da AMIRB foi por uma questão da gente poder conseguir alguma melhoria para as famílias e assim poder formar um grupo, como uma forma de... organização, né? E a gente tem esperança de que cada ano que passar a gente tá bem melhor.” **D. Horlandina, 20/07/2007 – Barcelos / 1ª Oficina de Mapas.**

“Pra mim, AMIRB ela é a realização de um esforço, a realização de um trabalho e a junção de outras pessoas né? É... assim, a AMIRB é uma troca de idéias, ela é uma escola também, porque com ela... assim, você juntando as pessoas do grupo você aprende uma com a outra né? Você troca idéias, acho que é uma escola pra gente, é a junção de um trabalho, de um conhecimento de nós, mulheres. De vários grupos, de várias etnias, de várias línguas, porque nessa AMIRB tem muita gente que fala a *língua geral*, tem gente que fala Tucano, tem gente que fala outras línguas né? Então a AMIRB é a junção de várias culturas também”. **Sara Salviano, 20 julho 2007**

“É um grupo de mulheres que com certeza estão lutando, cada vez mais, estão lutando pelo mesmo objetivo, né? Que objetivo é esse? É renda para a casa e aprender cada vez mais, eu já era artesã antes da AMIRB, mas o quê eu trabalho com artesanato e a minha colega também, o que eu não sei, eu posso aprender com ela, então uma ensina a outra também. Isso também é muito importante!” **Francisca Pessoa, 20 julho 2007**

“Pra mim a AMIRB ela é... assim uma... entidade hoje muito importante, até pra gente tá conseguindo alguma coisa, né? A gente tá conhecendo outras mulheres.

Através da AMIRB que a gente tá sendo mais reconhecida, eu acho assim que a AMIRB tá sendo um espelho de nós, mulheres artesãs... Nós estamos buscando uma alternativa de renda e a valorização da nossa cultura.

A AMIRB é isso aí, é também reivindicar todas as coisas, a pessoa sozinha não consegue apoio, mas em grupo é diferente”. **Horlandina, 20 julho 2007**

O dia-a-dia

“Eu amanheço o dia, vou embora pro meu roçado, trabalho na roça com agricultura mesmo, eu chego três horas da tarde... e já vou pra minha cestinha tecer né? Tô aprendendo a trabalhar com piaçaba agora, eu também já trabalho com sementes, fazendo colar, brincos. Eu trabalho a semente, jogando ela na lixadeira e bato lá tudinho, aí... já tirava de novo porque já ia pro sol, assim eu já tava trocando de novo as sementes, é um trabalho corrido, pra gente poder dá conta né? Aí lá, terminava de trabalhar a semente, e começo a tecer, trabalhando de noite, trabalho até onze horas... meia-noite, uma hora da manhã... aí que vou descansar. Ainda vou pra casa, porque esse material fica na casa da irmã minha, ainda vou andar até a minha casa”.

Valdomira Cruz, 21 julho 2007



D. Valdomira tecendo artesanato de piaçaba

Espaços relacionados à produção do artesanato

-  Casa de artesã
-  Estrada onde colhem matéria prima
-  Quintal de plantas para artesanato

Espaços de organização e comercialização

-  Sede da AMIRB casa de Horlandina
-  Ponto de venda
-  Piabódromo local de venda

Educação

-  Escola

Produção de Alimentos

-  Casa de farinha
-  Roça

Espaços sociais e infra-estrutura

-  Praça
-  Igreja católica
-  Ponte

Convenções cartográficas

-  Arruamento

cursos d'água

-  Igarapé
-  Igarapé (do Salgado)
-  Rio (Negro)
-  Mata ciliar

Fontes:

- Croquis da Oficina
- Digitalização de Imagem de Satélite DG Globe 2002-2003
- Mapa Urbano Digital de Barcelos Município 13.00409, Folha 01-01

Equipe de elaboração

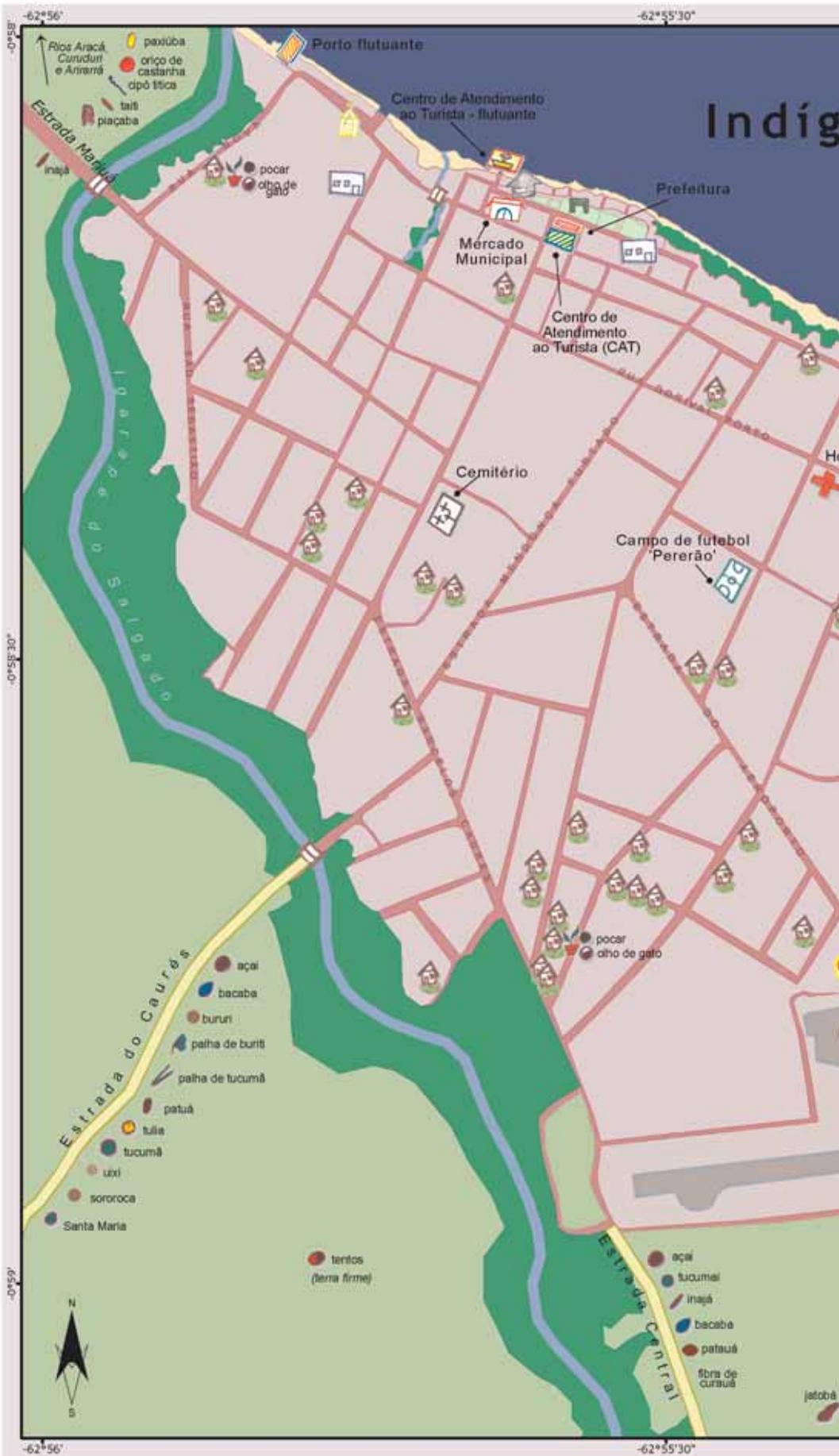
Elleidy Sousa de Menezes
Divânia Oliveira Dos Reis

Cartografia:

Laura Adriana Chamo

Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia,
PPGSCA - UFAM

setembro de
2007



Mulheres Artesãs: Lençóis e Ribeirinhas de Barcelos

Amazonas



“Eu trabalho em casa, sou doméstica e também sou dos serviços gerais num colégio de manhã... e à tarde quando eu chego em casa, às vezes eu chego cansada né? Mas eu vou sentar pra fazer o artesanato, quando a gente senta pra fazer os colares, os brincos, as pulseiras... pra mim é prazeroso!” Sara Salviano, 21 julho 2007

Relatos extraídos das falas de Sara Salviano, Francisca Pessoa, Geane Carpina, Elizabete Amâncio Pinheiro, Elizabete Gregório, Valdomira Cordeiro Cruz, Horlandina, Erenita e Edivânia

Caroços, sementes, fibras e os locais de extração

CAROÇOS	
QUAIS	ONDE
Bacaba	Estrada de Caurés
Coco	Sítios
Coroa	Ramal do Elói
Inajá	Estrada Mariuá
Jacitara	Igapó - Rio Negro
Jará	Ilhas do Rio Negro
Jatobá	Sítio da Bete
Oriço de Castanha	Rio Arirarrá
Patauá	Estrada de Caurés
Paxiúba	Rio Aracá
Seringa	Ilhas do Rio Negro
Taiti	Piaçabal – Rio Curuduri
Tucumaí	Estrada do Elói
Tucumã	Igarapé da Ataiana
Tulía	Estrada de Caurés

OUTROS	
QUAIS	ONDE
Barro	Estrada do Elói
Reaproveitamento de madeira	Município de Barcelos
Bambu	Estrada do Elói
Penas	Comunidade do Cuqui e São Roque
Dentes	Comunidade do Baturité e São Luíz
Escamas	Pescadores do Município de Barcelos

SEMENTES	
QUAIS	ONDE
Ingarana	Margens do Rio Negro
Tentos	Terra Firme
Açaí	Estrada de Caurés
Piradabi	Rio Negro
Pocar	Planta caseira
Santa Maria	Estradas, sítios e quintais
Olho de Gato	Planta caseira

FIBRAS	
QUAIS	ONDE
Piaçaba	Rio Aracá, Curuduri
Palha de tucumã	Estrada de Caurés
Palha de buriti	Estrada de Caurés
Palha de jauari	Ilhas do Rio Negro
Cipó títica	Rio Aracá
Ambé Corôa	Ilhas do Rio Negro
Arumã	Terra Firme, Igapó do Rio Negro
Curauá	Roças das artesãs

Produtos da atividade artesanal em exposição no ponto de venda da AMIRB



Anéis de Tucumã e cesto de Cipó



Artesanato de arumã e madeira

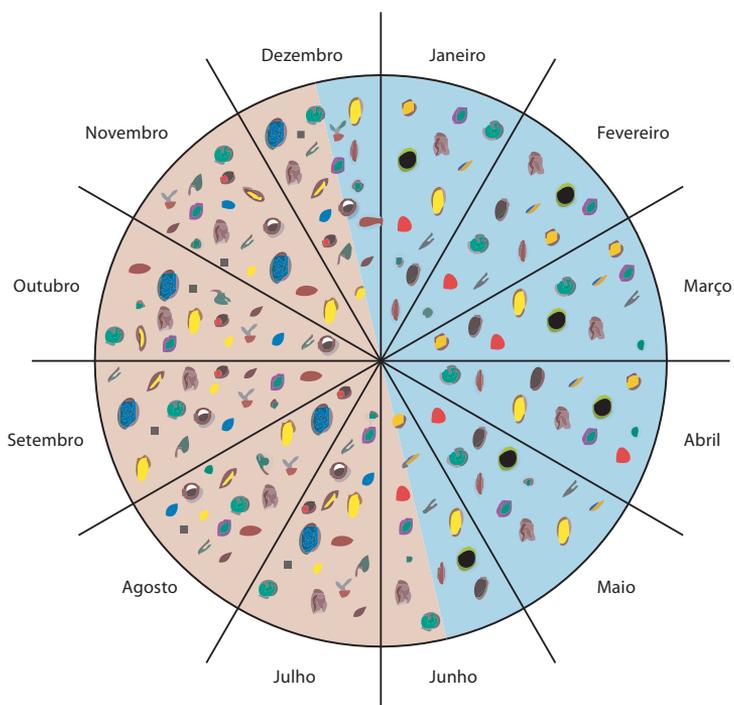


*Elisabete Amâncio, Valdomira Cruz,
Sara Salviano e Horlandina Monteiro*



Diversos colares das artesãs

Calendário da coleta de sementes, caroços e fibras



LEGENDA		
	Buriti	
	Coco	
	Coroá	
	Jacitara	
	Jará	
	Jatobá	
	Oriço de Castanha	
	Patuá	
	Paxiúba	
	Seringa	
	Taiti	
	Tucumaí	
	Tucumã	
	Tulia	
	Umiri, Uará, Ubim Branco, Ubim Açú, Bombaca, Muruxi, Nanarana do Mato, Ingarana, Açai Nativo, Cuqui e Uixi	
	Açaí Cultivado	
	Olho de Gato	

Dificuldades e reivindicações

- Sede da AMIRB: A falta de uma sede para a AMIRB dificulta a organização da associação.
- Maquinário: O maquinário utilizado por nós é improvisado, causando acidentes entre as artesãs por falta de um maquinário industrializado.
- A falta de apoio do poder público em relação às parcerias, pela falta de articulação de eventos que possam divulgar os nossos trabalhos.
- Temporada Curta: Os artesanatos só são vendidos na época da temporada, e quando a temporada acaba não tem pra quem vender. A temporada vai de setembro a janeiro, devido ao turismo que vem para Barcelos por causa do tucunaré, nessa época o rio não está cheio, possibilitando a pesca esportiva do tucunaré.
- Dificuldade de acesso aos materiais (sementes, fibras, caroços entre outros): Por serem distantes os lugares, tendo que atravessar os rios e precisa de um transporte pra chegar até lá, porque a associação não tem.
- Proibição do IBAMA para confecção de artesanato de penas e dentes.



2ª Oficina de Mapas, Barcelos, setembro de 2007: *Horlandina Perez, Maria de Narazé dos Santos Alves, Cléia da Silva, Elizabete Gregório, Elizabete Amâncio, Geane Carpina, Ildecy Chaul, Erenita Cordeiro, Maria Justina Coelho, Raimunda Ferreira, Divânia Reis, Francislene Muniz, Doralice Garcia, Maria Axiliadora Cruz, Valdomira Cruz, Margarita Teixeira e Ana Claudia*

CONTATO

Associação de Mulheres Indígenas e Ribeirinhas
de Barcelos – AMIRB
Rua Carlos Pinheiro Castelo Branco 134
Bairro de Nazaré
69700-000 Barcelos AM
telefone 97 3321-1649

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford/ PPGSCA/ UFAM)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itaocãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará

REALIZAÇÃO

Associação de Mulheres Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos – AMIRB

APOIO

Universidade do Estado do Amazonas – Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental – PPGDA-UEA

Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA

Comissão Pastoral da Terra – CPT

